

110 DIAS. Greve da categoria continua sem prazo para terminar

Docentes da Ufal seguem parados

NIVIANE RODRIGUES
REPÓRTER

A greve já dura 110 dias e não tem nem sinal de acabar. Sem conseguir estabelecer diálogo com o governo federal, os professores da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) mantêm a paralisação e buscam caminhos que garantam a abertura de negociações em relação à pauta da categoria e à preservação da universidade “pública, gratuita e de qualidade”.

Temem que a redução que já vem se impondo ao orçamento das universidades federais, agravada com as medidas anunciadas na segunda-feira, 14, de contenção de despesas em torno de R\$ 26 bilhões, agravem ainda mais a já caótica situação que enfrentam as universidades públicas federais, segundo afirmam os profissionais.

Ontem pela manhã, os professores, liderados pela Associação dos Docentes da Ufal (Adufal), concederam coletiva à imprensa, durante café da manhã na sede da instituição, no Farol. Informaram que nunca foram recebidos, durante todos esses dias de greve, pelo ministro da Educação, Renato Janine Ribeiro.

Afirmaram que a greve “é um momento doloroso” para toda a comunidade acadêmica, mas que sua continuidade ou finalização depende de avaliações e assembleias que os docentes farão ao longo da semana e do comando nacional, que desde o iní-



Durante entrevista coletiva realizada ontem, professores explicaram motivos da paralisação

cio do ano passado tenta conversar com o governo. “Em vão, porque o governo se nega, inclusive, a dar informações básicas”, afirmou o professor de Economia da Ufal, José Menezes, integrante do movimento e diretor da Adufal.

“O ministro não nos recebe. Só somos recebidos por integrantes do segundo, terceiro escalão do governo. Parece até que estão blindando o ministro”, afirmou o professor, diante da indagação de que os docentes têm saído como “vilões” no processo.

Esse tipo de visão, segundo os docentes, é decorrente “de pessoas que não sabem fazer a leitura da realidade. Temos 40 universidades federais em greve. Já chegamos a ter 51 instituições paradas. Essa é uma interpretação de quem não conhece a história da universida-

de, que só é pública graças às lutas que vêm sendo travadas ao longo de anos pelos professores. No Brasil, a gente ainda consegue dizer que tem universidade pública e gratuita graças a essas lutas”, afirmou a professora Georgia Cêa.

Com um extenso documento em mãos, os docentes relataram a situação de gravidade que consideram viver as universidades públicas federais. O texto aponta para uma significativa proposta de redução do orçamento da Ufal para 2016. O corte é de R\$ 2 milhões em despesas correntes (diárias, passagens etc.) e em investimentos, e de R\$ 34 milhões para investimentos (obras e equipamentos).

Em junho, a reitoria da Ufal anunciou que, devido aos cortes em capital, além de não iniciar novas obras e priorizar algumas

das que estão em andamento, haverá redução na aquisição de material permanente, inclusive livros, afirma texto da Adufal.

Para 2016, ressaltam os professores em documento entregue ontem à imprensa, “com a redução [de recursos], a situação pode ser ainda mais dramática, comprometendo o já difícil funcionamento da universidade pública”.

Os professores também informaram sobre as condições consideradas por eles “difícilimas que muitos cursos enfrentam para funcionar no interior do Estado”, a exemplo do município de Santana do Ipanema, onde a universidade funciona em prédio de uma escola pública estadual, sem as condições ideais para abrigar cursos de Ensino Superior. Situação que se repete em Penedo. ●